

**HIPERCORREÇÃO:
MARCAS LINGUÍSTICAS NA MODALIDADE ESCRITA
DE ALUNOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)
junnyornunes@hotmail.com

RESUMO

Nesse trabalho, trago algumas discussões provenientes aos estudos da linguagem, sustentando-me na teoria da variação linguística – sociolinguística. Objetivo estudar a relação entre língua e sociedade a partir de produções escritas com “hipercorreção”, respectivamente. Nesse sentido, procuro desbravar desde os primórdios estruturalistas dos estudos linguísticos de Saussure (2006), apresentando o avanço da linguística moderna até os estudos sociolinguísticos de Labov (2008), os quais confrontam as concepções de linguagem Saussurianas. Assim, discuto posteriormente as modalidades de linguagem – fala e escrita, a partir das teorias de Koch (2005), Andrade (2011), Marcuschi (1997), e Haugen (2001), uma vez que uma modalidade necessita da outra para encaixar-se no escopo do estudo da língua. Dessa maneira, tendo em vista a hipercorreção como fenômeno capaz de ocorrer em ambas as modalidades, levanto algumas reflexões sobre este estudo na perspectiva sociolinguística embasando-as em Scremin & Aimi (2009), Cox (2004), Guimarães (2007), e Dubois (1993). No aparato metodológico, problematizo o corpus constituído por 11 produções escritas por alunos do 3º ano do ensino fundamental no processo de alfabetização linguística, mediante as seguintes investigações importantes: a) Hipercorreção por influências orais na escrita, e b) Hipercorreção por falta ou excessos de letras. Com isso, foi possível constatar a partir da comparação dos fatores sociais, que os alunos com maior idade realizaram hipercorreções em menor escala, assim, os mais novos tinham mais hipercorreção na escrita. E, no que tange a variável sexo, os alunos do sexo masculino apresentaram menos hipercorreções, comparando com os do sexo feminino.

Palavras-chave: Variação linguística. Hipercorreção. Escrita.

1. Introdução

Nesse trabalho serão expostos resultados provenientes a uma experiência obtida por meio de uma pesquisa a qual buscou investigar realizações de hipercorreção na modalidade escrita da linguagem de alunos em fase de alfabetização linguística.

A hipercorreção caracteriza-se por uma adequação precipitada feita por indivíduos alfabetizados ou não, no intuito de utilizarem a norma padrão da língua em uso. Assim, a hipercorreção é um fenômeno capaz de ocorrer tanto na oralidade, quanto na escrita dos indivíduos de uma dada sociedade. Nesse sentido, as hipercorreções não são erros, mas sim,

meios para adaptar-se a variante culta da língua.

Optou-se por uma análise onde a escrita prevalece como objeto de estudo, dessa maneira, viu-se a necessidade de coletar dados escritos por alunos ainda no processo de alfabetização, em uma turma de 3º ano do primeiro ciclo do ensino básico de uma escola da rede pública municipal de Maribondo – AL.

O *corpus* foi analisado a partir de duas perspectivas investigativas no âmbito da hipercorreção no campo da sociolinguística: a) hipercorreção por influências orais na escrita; e b) hipercorreção por falta ou excessos de letras.

Mediante a descrição da análise dos dados coletados, foi possível constatar que os alunos com mais idade realizam menos hipercorreção do que os alunos mais novos, isto em ambos os sexos. Já no que tange à variável sexo, os alunos do sexo masculino apresentaram menos hipercorreção, quando comparando aos do sexo feminino.

Este trabalho divide-se em três tópicos bibliográficos, tratando de língua e sociedade, partindo das correntes estruturalistas até a sociolinguística; de modalidades de linguagem: oralidade e escrita; e de hipercorreção, com acréscimo da metodologia: constituição do *corpus*, e as análises específicas de dados (inquietações e fatores sociais).

2. *Lingua e sociedade*

Uma vez que se visa discutir sobre língua e sociedade, é necessário desbravar os conceitos desde os primórdios. Ora, o estudo da língua em seus diversos dimensionamentos parte da ciência da linguagem – a linguística.

A linguística moderna em seu apogeu iniciou-se com os estudos de Ferdinand Saussure que professava o *Curso de Linguística Geral* na Universidade de Genebra – Suíça, este foi o principal estudioso da área, que com sua grande influência e foco nos estudos linguísticos, inquietou seus alunos do referido curso, a ponto que os mesmos empregaram suas concepções em uma obra póstuma intitulada *Curso de Linguística Geral*, lançado em 1916, após a sua morte.

No que diz respeito aos conceitos de língua para Saussure, tem-se uma concepção polêmica que até os dias atuais é alvo de muitas discussões nos estudos linguísticos do mundo inteiro. Saussure volta seus estu-

dos para a língua em perspectivas gerais de uso e, depois de vários anos dedicando-se a essa área, define com clareza a língua como homogênea, ou seja, não possui nenhuma e qualquer maneira de ser modificada ou alterada, criando assim, o ponto de vista estruturalista, isto é, estuda a língua enquanto estrutura.

Voltando ao foco principal que é a linguística, destaco que a área propõe estudar a linguagem humana em seus diversos dimensionamentos, sejam eles voltados às linguagens verbal, não verbal e mista. Nesse sentido, percebe-se e pode-se afirmar que a linguística é a ciência da linguagem, e como toda ciência, está apta a novos olhares e concepções.

Considerando a concepção de Saussure, o conceito de língua como homogênea acaba afetando aspectos sociais que existem na linguagem humana. É do saber de todos que estão em constantes ocorrências processos de particularidades de determinada língua, seja ela portuguesa, inglesa, espanhola, francesa e etc. Dessa maneira, cada região de determinada sociedade, falante de determinada língua, tem suas particularidades linguísticas, que, quando se encontram com as concepções de Saussure, acabam sendo alvo de muitas discussões e polêmicas nos estudos da língua.

Após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, uma das concepções que mais vem causando discussões acerca das concepções de língua é a de Labov, mais precisamente um dos maiores estudiosos da sociolinguística.

Discordando de forma esquematizada e em parte convincente da concepção de Saussure em sua obra póstuma, Labov por sua vez acredita que a língua provém de uma heterogeneidade, ou seja, pode ser mudada com o avanço da sociedade em constante movimento. Assim como afirma Coan & Ko Freitag “A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade” (2010, p. 175).

Nesse sentido, a sociolinguística visa defender uma concepção inversa a Saussure, e hoje é uma das áreas de pesquisa na linguística com muito prestígio em seus resultados, buscando sempre engrandecer e expandir seus estudos, como também, busca convencer novos pesquisadores a seguirem essa perspectiva em suas trajetórias nos estudos linguísticos. Em linhas gerais, a sociolinguística estuda a língua, a cultura e a sociedade, no sentido em que língua e sociedade se inter-relacionam.

Para especificar com mais ênfase os verdadeiros objetos de estudos sociolinguísticos, destaco a concepção de Mollica (2004, p. 10), que visa explicar um dos olhares para a Sociolinguística.

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...]

Quando Mollica apresenta a os fatores estruturais e sociais, adentram nessa concepção as diversas maneiras em que a variação é considerada alvo de mudança linguística, pois, a mudança linguística pode acontecer por alguns fatores que a determinam, sejam fatores históricos, geográficos e culturais, de maneira geral, “fatores sociais”.

Nos vários olhares dos linguistas para a língua como fator social, desde o pensamento de Labov, afirmando que “Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato” (2008, p. 303), ou seja, todos os linguistas veem a língua como social, mas, buscam em seus estudos descreverem teorias sobre o que realmente são seus objetos específicos de pesquisa, não demonstrando suas concepções sobre a língua em geral.

Partindo do princípio fonológico, a variação linguística é vista de maneira peculiar, e definida a partir de algumas regras imprescindíveis. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 79) “As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba”. A perspectiva fonológica, além de apresentada em um ponto de vista sociolinguístico, também é explicitada por Saussure em sua obra, quando o genebrino afirma que para o estudo da língua acontecer de forma que a escrita seja substituída pelo pensamento, teria que “[...] substituir, de imediato, o artificial pelo natural; isso, porém é impossível enquanto não tenham sido estudados os sons da língua; pois, separadas de seus signos gráficos, eles representam apenas noções vagas [...]” (2006, p. 42).

Dessa maneira, percebe-se que para Saussure a variação é inexistente, porém, para chegar nessa definição, o mestre genebrino analisou a língua de forma geral e abrangente, passando e explicando cada aspecto que pode alterar as concepções de vários pesquisadores da área.

De modo que uma variação linguística é descoberta no decorrer das pesquisas, a mesma emprega-se ao plural “variável linguística”, assim como apresenta Salomão (2011, p. 191).

O conjunto das variantes é denominado “variável linguística”, ou seja, a forma, o traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável tomado como objeto de estudo pelo investigador. A sociolinguística entende que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social (internos à língua) ou estrutural (externos à língua) [...]

No português brasileiro, as variantes linguísticas são vistas ao comparar-se os modos de utilizar a língua nos dias atuais, com o modo de falar na época do descobrimento. Esse fenômeno não acontece apenas na língua portuguesa, mas, também, em outras línguas, assim como Beline afirma.

Em sentido bastante amplo, podemos de início pensar em diferentes línguas que existem no mundo. Falamos português no Brasil. Praticamente em qualquer região de fronteira em que estejamos em nosso país, sabemos que do outro lado falam outra língua – o espanhol. Sabemos também que dentro de nosso país ainda há indígenas que se comunicam, quando estão em suas aldeias, em suas línguas, e não em português. (BELINE, 2007, p. 121)

Dessa maneira, percebe-se que o estudo da língua tem se expandido, pois, como afirma Baylon, a língua “engloba praticamente tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto social” (1991 *apud* MONTEIRO, 2000, p. 26).

Nesse sentido, destaco alguns avanços históricos que acabaram modificando o modo de falar do português. Um deles é a adaptação do modo de falar da civilização na época do descobrimento, tendo em vista o domínio de Portugal no Brasil, trazendo com os colonizadores o idioma citado. Apesar da grande influência formal adotada pelos jesuítas, os habitantes do Brasil daquela época foram adotando com suas peculiaridades um português próprio, ou seja, um português brasileiro, que vem sofrendo modificações sociais ao decorrer dos séculos.

Assim, portanto, os falantes das diversas línguas quando enquadrados num processo de ascensão social, acabam entrando em um processo de adaptação que ocasionará o domínio significativo da norma da língua em uso, isto é, a norma padrão. Dessa maneira, os falantes acabam levando em consideração o que é assimilado no convívio social em quase todos os termos presentes na língua, mesmo quando não é necessário esse possível refinamento linguístico oral e escrito. Contudo, refletimos sobre a oralidade e a escrita, no intuito de destacar mais profundamente as características da linguagem humana a partir de suas modalidades.

3. Modalidades de linguagem: oralidade e escrita

Segundo Koch (*apud* XAVIER, 2005, p. 142), linguagem é a “capacidade do ser humano de se expressar através de um conjunto de signos, de qualquer conjunto de signos”.

Os signos, então, norteiam as modalidades de linguagem, assim como a linguagem humana não pode ser de apenas presa a uma modalidade, o que sempre ocorreu foi: a fala acompanha a escrita, e vice-versa. No convívio social é possível destacar que falamos mais do que escrevemos, mas, esse fato não é considerado norteador total das concepções de linguagem.

A linguagem humana está entrelaçada entre duas modalidades que desde a ambiguidade estão presentes na sociedade – a oralidade e a escrita. Estas se fizeram ao longo dos anos imprescindíveis no que tange à comunicação humana. No entanto, diversos olhares foram depositados nos estudos linguísticos perante a oralidade e a escrita, no intuito de afastá-las a partir de diferenciações.

A oralidade em si possui suas características, ou seja, peculiaridades determinadas para a fala se realizar em uma situação comunicativa entre indivíduos falantes. Para Mascuschi (1997, p. 126),

A oralidade seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária [...]

Oralidade, então – como prática social, deve ser de certa forma acatada por determinada sociedade, e, na maioria dos casos as sociedades tomam uma oralidade secundária, ou seja, enfatizam a escrita em ordem primária perante a oralidade.

Uma vez que a fala é natural, e todo e qualquer indivíduo pode utilizá-la sem restrição alguma, por isso constata-se que falamos mais do que escrevemos. As variações da língua existem e são apresentadas de modo explícito, dessa forma, não existe restrição para utilizar-se da fala, isto é, para falar não é necessário respeitar uma norma, desde que estejamos no âmbito da fonoaudiologia, o que não é o caso. Assim sendo, “a fala é básica no aprendizado da língua. A língua falada é adquirida por praticamente todos os seus usuários antes que possam, se puderem, ler ou escrever”. (HAUGEN, 2001, p. 108)

Já a linguagem escrita, restringe em vários aspectos presentes na

oralidade, ou seja, na escrita se deve respeitar um padrão, uma forma na qual todo e qualquer indivíduo deve adaptar-se para fazer uso dessa linguagem, nesse sentido, depois de uma expansão da língua escrita há tempos atrás, a língua falada deixou de ser a forma de comunicação mais prestigiada e perdeu um grande espaço na comunicação entre humanos, dessa forma, mudando objetos de estudo de áreas como a filologia, que primordialmente era oral, e, logo após a referida expansão, passou a ser estritamente escrita.

Mediante a afirmação de Andrade (2011, p. 51-52)

A escrita, por sua vez, revela os seguintes traços:

- interação a distância (tanto no espaço quanto no tempo);
- planejamento anterior à execução;
- não há possibilidade de resposta imediata;
- o escritor pode modificar o texto a partir das possíveis reações do leitor.

Dessa maneira, a escrita se distancia da oralidade, pois, em sentido comunicativo a escrita pode partir de uma interação a distância, ocasionando um planejamento anterior à execução não-simultânea, em que não se é possível executar uma resposta imediata, assim, o escritor por sua vez pode modificar o texto partindo das reações do interlocutor. Dito isto, vale salientar que mediante as apreciações expostas, vê-se algumas diferenças entre as modalidades da linguagem humana, o que não se pode afirmar é que fala (oralidade) e escrita são totalmente adversas.

“As diferenças entre oralidade e escrita podem ser melhor observadas nas atividades de formulação textual manifestadas em cada uma das duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas”. (MARCUSHI & DIONÍSIO, 2005, p. 17). Na tentativa de mostrar os aspectos que diferem a oralidade da escrita senão a partir da formulação textual, será impossível apontar as diferenças entre as duas modalidades sem que uma delas fique subestimada para com a outra, por isso, os autores visam assinalar que o método de formulação é imprescindível em um estudo desse porte.

Segundo Koch (2005, p. 78), fala e escrita se distanciam a partir de diferenças explícitas no estudo de cada modalidade, como mostra a seguir:

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do 'modus pragmático'	Predominância do 'modus sintático'
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases completas com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Pouca nominalização	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Diante disso, pode-se observar que, nos aspectos definidos acima, a fala e a escrita se distanciam. Um ponto que merece destaque interliga-se à gramática normativa. Uma vez que a fala se prende à pragmática, estando num contexto de absolutismo na pronúncia, fazendo com que a fala seja individual de cada falante; já a escrita por sua vez, se dissemina na sintaxe em um ponto de vista estrutural, onde se deve seguir uma norma já atribuída.

Portanto, a oralidade e a escrita possuem pontos que as diferem, mas, sempre terão um ponto em comum que sempre estará aproximando as duas modalidades de linguagem – o contexto comunicativo. Com isso, oralidade e escrita estarão sempre juntas quando se trata dos fenômenos (co)relacionados à linguagem.

Nesse estudo, abrange-se especificamente um tipo de fenômeno que ocorre constantemente na fala e na escrita – a hipercorreção. Partindo, contudo, da escrita como objeto de análise específico. Diante disso, vale refletir sobre o fenômeno em estudo, para então, discutir os procedimentos metodológicos empregados na presente pesquisa.

4. A hipercorreção

A hipercorreção em seu sentido amplo está relacionada à tentativa precipitada de utilizar a variação padrão da língua em uso, isto é, o modo equivocado que alguns falantes empregam em seu vocabulário.

Em alguns estudos, é possível perceber que o fenômeno da hiper-

correção é visto como influência positiva no que tange o aprendizado da norma culta por parte dos falantes que até então não a utilizavam. Tendo em vista que a maior parte das ocorrências dos fenômenos de hipercorreção está na escrita, percebe-se que em casos nos quais a fala esteja mais viável aos erros de pronúncia, a escrita ocupa a única saída para que os falantes pratiquem seus modos de utilização de uma variação denominada padrão/culta, assim, a hipercorreção se faz presente na fala e na escrita de indivíduos em um processo de ascensão social e cultural, por esse motivo, os indivíduos estarão adaptando-se não só à língua, mas, também, à cultura em geral.

Como assinala Scremin e Aimi (2009, p. 125-126)

O fenômeno da hipercorreção, por motivos sociolinguísticos, apresenta-se na escrita de indivíduos que se encontram em ascensão cultural, pois estes já possuem certas normas da língua, caso contrário, não teriam essa intenção de “acerto” [...]

Como foi citado, a sociolinguística a partir do ponto de vista histórico, cultural e social, se emprega a um estudo nessa perspectiva, pois, os falantes que se preocupam em utilizar a norma padrão de determinada língua, utilizavam anteriormente outras variações linguísticas, e, por motivos socioculturais procuram falar mediante o padrão atribuído pela gramática normativa, em outras palavras, a hipercorreção “nada mais é do que o desejo de se apropriar das formas linguísticas que valem mais no mercado de bens simbólicos”. (COX, 2004, p. 136)

É viável ressaltar que a hipercorreção se interliga à perspectiva da língua nacional, para ilustrar, apresenta-se a concepção de Guimarães, que define “língua materna” e “língua nacional”.

Língua materna: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo. (GUIMARAES, 2007, p. 64).

Nesse contexto, percebe-se que a língua materna se estende como o sentido amplo de “língua”, ou seja, uma vez que o português é a língua falada no Brasil, em Portugal e etc., esta de faz língua materna de ambas as nacionalidades; já quando se trata de língua nacional, vê-se que o sentido sofre modificações, isto é, o português falado no Brasil, difere em alguns aspectos ao português falado em Portugal, Cabo Verde, e em outras nações.

Dessa maneira, é interessante assinalar que do modo em que ocorre a hipercorreção, os falantes estão adaptando-se à norma nacional oriunda de uma variação que ao longo dos anos foi sendo posta como padrão, assim sendo, norma culta da língua.

O que acaba ocorrendo da maneira em que se trata da hipercorreção, é a comparação de hipercorreção com hiperurbanismo, isto é, como já foi dito, a hipercorreção estuda os meios precipitados de utilizar a língua, de modo que o hiperurbanismo é,

Correção “acima do nível da linguagem urbana”. Fenômeno linguístico que consiste na busca excessiva de correção – na fonética, na acentuação, no uso de termos -, que acaba por levar a pronúncias e a *usos incorretos*, por temor de incidir em *erros populares*. É do domínio da sociolinguística, frequente em casos de pessoas que *ascendem* a uma nova *classe social*, por motivos *socioeconômicos* (mudança para a cidade, casamento com pessoa de outra classe, enriquecimento etc.). (DUBOIS et al., 1993, p. 323-324).

Da maneira em que se caracterizam os hiperurbanismos, vê-se que esse fenômeno tende a ocorrer também na oralidade e na escrita de todas as pessoas. No entanto, difere da hipercorreção por ser corresponder a uma busca excessiva pela “perfeição” na fala e na escrita; caso este que não ocorre na hipercorreção. Nesse sentido, é interessante destacar a importância do estudo do hiperurbanismo, pois, a falta de pontuação, acentuação gráfica e outras peculiaridades, acabam causando impactos no sentido em alguns casos, dificultando a interação entre os falantes.

Voltando ao tratamento da hipercorreção como objeto de estudo, faz-se mister destacar que esses fenômenos ocorrem principalmente na escrita de alunos em fase de alfabetização, isto é, à medida que o aluno vai constituindo sua formação na escola, este irá tentar utilizar-se do seu próprio conhecimento até ali alcançado para mostrar suas habilidades de fala e escrita, na escrita com mais frequência.

Assim, da maneira em que os alunos em fase de alfabetização, e, até mesmo pós-alfabetizados, produzem textos e utilizam a oralidade, existe uma tendência a ocorrências dos fenômenos de hipercorreção pelo fato desses alunos terem a iniciativa de praticar a norma culta e aprimorar suas práticas, nesse sentido, reforça-se a concepção de que a hipercorreção serve como influência positiva no processo de ascensão social.

Na escrita, a hipercorreção vem a partir do modo como os alunos sofrem certos impactos na variação linguística que estão acostumados a utilizar, ou seja, quando um aluno produz um texto ou dita uma sentença oral, e o professor por sua vez vai corrigi-lo, essa correção ocasiona em

uma hipercorreção futura. Em outras palavras, no momento em que há determinada correção, o aluno vai utilizá-la em diversas outras situações, tendo em mente que aquela correção se emprega também em outros casos.

Portanto, observa-se mediante as reflexões expostas anteriormente, que a hipercorreção tende a ocorrer na fala e na escrita de falantes de ambos os sexos e diferentes idades, uma vez que não estamos tratando de erros, mas sim, de meios construtores de habilidades voltadas à norma padrão da língua.

5. *Constituição do corpus*

Para constituir o corpus, foram coletados 11 dados escritos, ambos com hipercorreção em forma de textos. Os autores dos textos coletados para a análise são alunos do 3º ano do primeiro ciclo do ensino básico com idades de 8 a 10 anos, pertencentes a uma escola de esfera pública municipal do município de Maribondo – AL, nesse caso, estando na última fase da alfabetização na idade certa, assim como determinou o Ministério da Educação por meio do Pacto Nacional Para a Alfabetização na Idade Certa, em que os professores alfabetizadores aprimoram por meio de formação continuada suas práticas docentes no ensino fundamental 1.

Os textos foram produzidos em sala de aula e tiveram como estímulo duas ilustrações as quais instigam os contribuintes a contar uma história. Assim, os informantes produziram pequenos textos tendo como instrumentos basilares as ilustrações; não sendo determinado número mínimo ou máximo de linhas a serem produzidas, nem tempo máximo para a realização e entrega das produções, dando-os autonomia na escrita.

6. *Análise de dados*

Como estamos analisando textos provenientes da escrita de alunos no processo de alfabetização, temos uma expectativa prévia do que encontraremos no decorrer da análise.

Quando estão no último ano do processo de alfabetização, os alunos constroem curtas e longas frases formando pequenos textos, dessa forma, utilizando a linguagem mais culta possível para realizar as produções, tendo em vista que estão conhecendo novas palavras, na maioria das vezes através da oralidade, assim, trazendo-as para a escrita a partir

de suas habilidades já construídas.

Alguns autores afirmam que conforme a criança vai tendo contato com novas possibilidades de se grafar determinado contexto ortográfico, vai havendo uma reestruturação das hipóteses anteriores a partir das novas informações e, isto gera uma fase de generalizações indevidas, pois a criança ainda não sabe onde deve empregar a nova grafia, podendo inclusive cometer erros em palavras que antes escrevia corretamente. (Cf. ZUANETTI, CORREA-SCHNEK & MANFREDI, 2008)

Mediante as considerações mencionadas pelos autores, desenvolvemos uma análise dando enfoque aos seguintes aspectos de hipercorreção:

- Hipercorreção por influências orais na escrita;
- Hipercorreção por excesso e falta de letras.

Assim, visando destacar de que maneiras as crianças no processo de alfabetização utilizam a escrita para atribuir sentido à suas produções, ressaltando que não há erro nas referidas produções, mas sim, adequações precipitadas no que tange a variação culta ou norma padrão da língua em uso; representam-se nos seguintes tópicos as duas etapas da análise dos dados provenientes a esta pesquisa.

6.1. Casos de hipercorreção encontrados na escrita dos alunos

6.1.1. Hipercorreção por influências orais na escrita

A oralidade é desde os primórdios o meio mais propício para a utilização da língua em todas as comunidades de fala, pois, a fala por ser individual, não necessita em seu escopo seguir um padrão linguístico.

Nesse sentido, quando se trata de escrita, deve-se ter em mente que é necessário seguir um padrão, o qual nos dias atuais serve de grande contribuição para a ascensão no meio social. A partir daí, vê-se que no contato que as crianças têm com a escola em um processo de adaptação com o âmbito, atrelado com a fase de alfabetização, há um impacto que vai além de simples relações de convivências no meio.

Assim, tendo conhecimento prévio do que se trata de letras e números na decifração de códigos, as crianças ao escreverem, utilizam esse conhecimento no intuito de passar realmente o que se está refletindo, dessa maneira, ao detectar fenômenos de hipercorreção, não se deve atribuir os fenômenos como errôneos, mas sim, destacar as capacidades de

adequação da oralidade para a escrita que as crianças constituíram até o momento.

TABELA I

Informante	Hipercorreção por influências orais na escrita
Inf. 1	- Certo dia un a lebre que desafô a tartaruga [...] - [...] quando chegou no meio da corrida a lebre dissi
Inf. 2	- [...] a tartaruga nau ganhava na corrida
Inf. 3	- Em um bosque distanti tinha un a lebre e un a tartaruga - [...] a lebre chamou para apostar un a corrida ea lebre [...] - [...] a tartaruga ia chegar amainam - [...] ela dormioun sono
Inf. 4	Uma lebre incontrou uma tartaruga. [...] a lebre saiu na frenti [...] a lebre durmiudibaixo [...] passava divagarinho intão a tartaruga trapassou
Inf. 5	A lebre que adavapelali
Inf. 6	Un certudiaun alebre e a tartaruga [...] A lebre saio na frente da tartaruga. [...] i cim a tartaruga chegou.
Inf. 7	Enun dia uma lebre que ficava pertubando [...] Por que a lebre era muito enrolona [...] [...] e entaum a corrida com meçou . [...] a pobre tartaruga saiu bendivagarinhu . [...] a lebre dor mio .
Inf. 8	Era uma vez ne uma floresta bendestante [...] [...] convidou a tartaruga apoistar uma corrida. [...] então a lebre resoveldurmir um pouco.
Inf. 9	Era uma vez ne um bosqui bem distante [...] [...] a lebre resoveui até a tartaruga. [...] a tartaruga ficou para trais . [...] e a lebre sacordou com os gritos.
Inf. 10	Niunbosquebeidistante [...] [...] no meio a lebre tomô carrera. A tartaruga passou lá na frenti [...]

Como assinala Marcuschi (2004, p. 17) “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. Com isso, percebe-se que oralidade e a escrita possuem características próprias, as quais, no ambiente linguístico, diferenciam-se uma das outras. Mas, nunca abolindo a existência de marcas de uma modalidade na outra: escrita-fala; fala-escrita.

As marcas provenientes da análise exposta na tabela 1, mostram de forma comprobatória as evidências discutidas anteriormente, pois, da maneira em que os alunos têm contato com a norma culta da língua de

sua comunidade através da linguagem oral, vai repercutir esse contato por meio da escrita, assim, ocasionando nas hipercorreções encontradas e expostas na Tabela I.

6.1.2. Hipercorreção por excessos e faltas de letras

A formação de palavras em toda e qualquer língua é alvo de muitos estudos na área da ciência da linguagem. Dessa forma, observam-se influências sociais de convívio dentro e fora da escola nas práticas de escrita de todos os indivíduos presentes numa dada sociedade.

O contato do aluno com o professor de forma oral repercute em algumas realizações de hipercorreção, tanto na fala, como na escrita. Da maneira em que o professor corrige o aluno na pronúncia ou na escrita, esse aluno irá assimilar essa correção não só naquele momento, mas, em todos ou na maioria os termos que encontrar dali a frente.

Assim como afirma Silva (2011, p. 321)

[...] o professor que tenta corrigir o uso dessas letras o faz de tal forma que o aluno assimila a correção imposta e começa a generalizar determinada aplicação, pois muitas vezes o que se impõe não é o entendimento de como esse sistema ortográfico funciona, pelo menos parcialmente, mas sim regras sem aplicação devidamente explicadas.

Diante disso, pode-se observar que muitas dessas generalizações ocasionam ocorrências de fenômenos tanto na fala como na escrita em sala de aula, fazendo com que o aluno seja alvo de mais algumas correções, o que causará um impacto no que tange às capacidades de construções orais ou escritas daquele indivíduo.

Um dos fenômenos mais frequentes é a hipercorreção por excessos e faltas de letras nas palavras, o que na maioria das vezes acarreta a perda total ou parcial do sentido do termo, pondo em risco as relações de sentido de determinada oração ou texto.

TABELA II

Informante	Hipercorreção por excessos e faltas de letras
Inf. 1	Frete: Frente Quado: Quando Dise: Disse
Inf. 2	Bosqu: Bosque Convído: Convidou Aceito: Aceitou Disfaçada: Disfarçada

Inf. 3	Pasol: Passou
Inf. 4	Talnto: Talento Conmemorou: Comemorou
Inf. 5	Apotou: Apostou Fete: Frente
Inf. 6	Aceito: Aceitou Entane: Então Caço: Cansou
Inf. 7	Apareseu: Apareceu Comessou: Começou
Inf. 8	Corida: Corrida Resovel: Resolveu Domi: Dormir Paçou: Passou
Inf.9	Coria: Corria E: Ir Domi: Dormir Sacordou: Se acordou
Inf. 10	Be: Bem Ditate: Distante Nímal: Animal Covidou: Convidou Corida: Corrida Fete: Frente

Na tabela II, observa-se que em alguns termos utilizados pelos informantes há alguns aspectos com influências orais, mas, as principais características que nos chamam atenção para o estudo da hipercorreção, são a ausência ou o excesso de letras nas palavras, em maior escala – a ausência. Essas ocorrências acarretam a perda parcial de sentido de algumas palavras devido à conjugação verbal (Ex.: Aceito: Aceitou), até a perda total de sentido (Ex.: Caço: Cansou).

Os informantes utilizaram em algumas palavras o mesmo radical do termo a ser empregado corretamente, mas, precipitaram-se a atribuir sentido à ação verbal, adjetival, adverbial e etc.

Essas ocorrências também podem ser explicadas pela preocupação dos informantes em produzirem os textos mais rapidamente, no entanto, vale ressaltar que não houve determinação de tempo pelo pesquisador, nem pelo professor regente da turma.

6.2. Aspectos sociais das hipercorreções

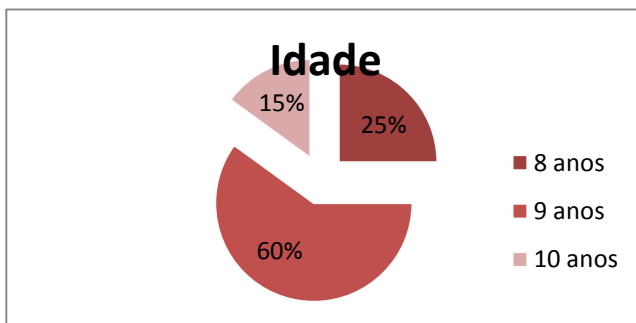


Gráfico I: Distribuição de informantes por idade.

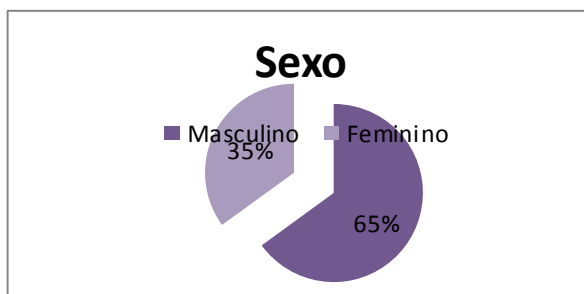


Gráfico II: Distribuição de informantes por sexo.

Tomando como instrumento basilar os fatores extralinguísticos, percebe-se que como já esperado (ver gráfico I), os alunos com mais idade apresentaram menores ocorrências de hipercorreção, e os mais novos apresentaram com mais frequência. Essa constatação pode se atrelar ao fato da sensibilidade de crianças com menos idade ao utilizarem a língua escrita, assim, observa-se que as crianças com mais idade acabam tendo mais cautela no que tange à utilização de palavras que até então só tinham contato oral, nesse sentido, visam utilizar em suas produções, palavras que os mesmos já tenham tido contato na escrita.

Já no que tange ao sexo (ver gráfico II) os informantes do sexo feminino apresentaram mais vulnerabilidade a utilizar a norma culta da língua portuguesa, diferente dos informantes do sexo masculino que realizaram menos ocorrências de hipercorreção na escrita.

Conseguimos constatar a partir desse resultado, que o modo no qual a coleta de dados foi realizada, pode ter incitado mais hipercorreções, isto é, os alunos não estavam produzindo textos para fins avaliativos pela professora, mas sim, eram alvos de uma pesquisa científica explicada anteriormente. Cabe destacar que são mais viáveis informantes do sexo feminino adequarem em suas produções termos provenientes da norma culta do português, uma vez que têm contato com revistas diversas em seus convívios, onde a variação padrão é utilizada com mais frequência.

As crianças em geral, ao contarem qualquer história tanto na oralidade como na escrita, buscam utilizar as palavras corretas para o bom entendimento do interlocutor a partir de sua narração, assim, na oralidade a pronúncia é tida com clareza e objetividade, já na escrita, pode apresentar algumas hipercorreções.

7. Conclusão

A linguagem em seu sentido amplo está apta a diversos olhares em seus diversos e inacabáveis estudos. Partindo dessa concepção que até então não existia, surgiu a união entre língua e sociedade trazida pela sociolinguística, assim, abrindo novas possibilidades para estudos como o que está sendo discutido no presente trabalho.

As modalidades da linguagem – oralidade e escrita se entrelaçam em diversos estudos, mas, ambas contêm suas características particulares. No entanto, sem a fala não existiria a escrita, uma vez que a língua em seus primórdios era eminentemente oral, nesse sentido, pode-se se ver as marcas de uma modalidade na outra, como foi apresentado nesse estudo.

A norma culta da língua portuguesa, como de outras línguas, é uma das variações, sendo a que adquiriu prestígio social com o passar dos anos. Assim, os indivíduos quando se situam num processo de ascensão social como o de alfabetização, buscam fazer o uso correto dessa norma a partir de adequações próprias, às vezes precipitadas, onde acontecem as hipercorreções.

A partir das reflexões apresentadas no decorrer desse estudo foi possível constatar que as hipercorreções são ocasionadas principalmente por dois fatores importantes: a) faixa etária dos informantes; e b) convívio social. Nesse sentido, vê-se que as hipercorreções por não se caracterizarem por erros, ressaltando que são de suma importância para a cons-

trução das habilidades intelectuais de fala e escrita dos indivíduos, pois é a partir do contato direto com a escola e a sociedade em geral que os alunos adéquam suas habilidades na norma padrão da língua, o que acarreta em menos hipercorreções na fala e na escrita dos falantes alfabetizados.

É possível observar também o papel do professor mediante a esta temática, dado que o docente é o principal espelho do aluno no processo de alfabetização, o professor deve constatar que a correção em certos momentos não é necessária, pois, o aluno que está em um processo de alfabetização deve estar imune de impactos em suas capacidades linguísticas, isto é, não é só na escola que a alfabetização se desenvolve, mas, também, em todos os âmbitos que os indivíduos têm contato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. L. C. V. de O. Língua: modalidade oral/escrita. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. *Caderno de Formação: Formação de Professores Didática Geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, vol. 11, p. 50-67, 2011.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução a linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 121.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

COAN, M; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*, vol. 4, p. 173-194, 2010.

COX, Maria Inês Pagliarini. Pedagogias da língua: muito siso e pouco riso. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 63, p. 135-148, 2004.

DUBOIS, J et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

GUIMARÃES, Eduardo. Política de línguas na linguística brasileira. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

HAUGEN, E. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Loyola, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Oralidade e escrita. *Signótica*, vol. 9, p. 119-145, jan./dez., 1997.
- _____; DIONISIO, A. P. (Orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico* (UFSC. Impresso), vol. 8, n. 2, p. 187-207, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCREMIN, Greice; AIMI, Daniela da Silva. Narrativas: as falas da experiência – colaboração para a formação de professores no mundo lusófono. *Revista ACOALFaplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa*, São Paulo, ano 4, n. 7, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>.
- XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana. *Conversas com linguistas*. Rio de Janeiro: Parábola, 2005.
- ZUANETTI, P. A.; SCHNEK, A. P. C.; MANFREDI, A. K. S. Comparação dos erros ortográficos de alunos com desempenho inferior em escrita e alunos com desempenho médio nesta habilidade. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (Impresso)*, vol. 13, p. 240-245, 2008.